

# Editorial

Em comemoração aos dez anos de trajetória do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, a Comissão Editorial da *Revista Confluências Culturais* propõe esta edição especial, contendo artigos com abordagens interdisciplinares que caracterizaram uma década de pesquisas e procuram traduzir a visão do programa, dirigido à produção de conhecimentos sobre as múltiplas temporalidades, escalas espaciais, diferenças culturais e desigualdades sociais que movem as noções, categorizações e apropriações do patrimônio cultural. Além disso, buscam desenvolver proposições alternativas para o enfrentamento dos problemas abertos ao campo patrimonial na contemporaneidade.

A edição comemorativa da *Revista Confluências Culturais* é especialmente dedicada ao registro dos percursos da pesquisa produzida e à difusão das parcerias institucionais e projetos desenvolvidos com orientandos. O desafio para este número foi reunir artigos que expressassem os movimentos de pesquisas elaboradas nas duas linhas do programa: “Patrimônio, ambiente e desenvolvimento sustentável” e “Patrimônio, memória e linguagens”. Os textos foram produzidos entre orientandos, orientadores e corientadores e parceiros interinstitucionais, permitindo o acesso a uma produção articulada por engajamentos conceituais e reflexivos.

O artigo inicial, “Bosque Schmalz: uma herança contestada na cidade de Joinville (SC)”, de autoria de Denis Radun e Ilanil Coelho, discute o jogo de atribuição de valores que sustenta e legitima, do ponto de vista cultural e jurídico, os patrimônios culturais edificados em cidades contemporâneas, por meio de reflexões sobre o caso da patrimonialização do Bosque Schmalz, localizado na cidade de Joinville (SC), e os pedidos pela sua despatrimonialização, dirigidos em momentos diversos ao Órgão Federal de Preservação. A análise busca apontar para alguns dos desafios colocados pelas e para as políticas de proteção do patrimônio cultural na contemporaneidade brasileira, especialmente no que diz respeito ao instituto do tombamento.

O texto “Casa Krüger: reflexões sobre um patrimônio histórico edificado”, escrito por Fernanda Dalonso, Mariluci Neis Carelli e Dione da Rocha Bandeira, propõe reflexões sobre a Casa Krüger como um bem cultural, tratando-o como cultura material atravessada pelo processo de patrimonialização, inserida na paisagem do Roteiro Nacional de Imigração em Santa Catarina.

O terceiro artigo, “Representações sobre o patrimônio na imprensa escrita de Joinville – O caso do Bar Tigre e da Casa Amarela”, de autoria de Maria Cristina Dias e Sandra P. L. Camargo Guedes, opera uma reflexão sobre representações sociais e a imprensa, por meio da análise das inserções publicadas em jornais sobre o caso denominado popularmente de “Bar Tigre e Casa Amarela”, atentando para a relação entre patrimônio e cidade.

Já o quarto artigo, “O biógrafo e os segredos da narrativa biográfica: o roteiro para as memórias de Joinville”, de Marília Garcia Boldorini e Roberta Barros Meira, traça um perfil sobre a autoria, explorando entrevistas semiestruturadas feitas com os autores de duas narrativas biográficas – *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke, e *Eu, Wittich Freitag*, de Raquel S. Thiago. Para tanto, correlacionam-se o processo de desenvolvimento do texto biográfico e questões peculiares concernentes ao gênero.

Na sequência, “A família rural do Piraí, políticas públicas e patrimônio cultural”, de Adhemar Tavares Vieira Filho e Patrícia de Oliveira Areas, propõe uma análise da relação existente entre o patrimônio cultural rural mantido e praticado pela família rural da região do Piraí, em Joinville (SC), e como as políticas públicas rurais e suas atividades podem impactar esse patrimônio cultural, tanto positiva como negativamente.

Ana Carolina Moura e Paulo Ivo Koehntopp, no artigo “Memórias e apagamentos: quem decide sobre o patrimônio no contexto urbano”, discutem decisões de preservação patrimonial adotadas pela Comissão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural do Município de Joinville (COMPHAAN) na ocasião da demolição do conjunto arquitetônico das fábricas Mayerle Boonekamp e Linhas Corrente S.A., patrimônio fabril da cidade de Joinville (SC) que constava no cadastro de Unidades de Interesse de Preservação (UIPs).

No sétimo artigo, intitulado “O *metal*, suas especificidades e desdobramentos”, Marcus Carvalheiro e Taiza M. Rauen Moraes apresentam os desdobramentos do *metal* como estilo musical advindo do *rock*, que a partir dos anos 1980, identificado como *heavy metal*, se tornou um gênero musical difundido mundialmente. Questiona-se o processo de atribuição de valores, assim como quais são as disputas pelo espaço urbano envolvidas nesse desenvolvimento, tendo como referência a cidade de Joinville (SC).

O artigo “Mãos e memórias (auto)biográficas de um artesão: a escuta de uma arte-terapeuta” é resultante de uma pesquisa de dissertação que objetivou registrar histórias de vida de pacientes com esclerose múltipla, visibilizando-as como patrimônios culturais. Nele, as autoras Eliane Böhr, Maria da Glória Dittrich e Raquel Alvarenga Sena Venera analisam a relação entre as narrativas (auto)biográficas e as expressões artísticas. O texto recorta a narrativa (auto)biográfica de um homem de 62 anos que vive os sintomas da esclerose múltipla há cerca de 18 anos. Estrangeiro e artesão, emprestou sua história para as reflexões sobre os sentidos de vida expressas em narrativas e no seu artesanato.

O penúltimo artigo, “Qual o valor do ser humano? Sobre a idolatria do dinheiro na sociedade”, escrito por Andrea Nickel-Schwäbisch e Euler Renato Westphal, aborda o uso do dinheiro e as relações humanas como instrumentos para garantir direitos para a preservação da vida de cada pessoa, enfocando como esse “capital humano” mercantiliza as relações sociais, de modo a criar seres humanos úteis e inúteis para o mercado.

O último artigo da edição, “Finitude como poética”, de Nadja de Carvalho Lamas, enfoca a poética contemporânea por meio de proposições artísticas que de certa forma rompem com a materialidade, pois a efemeridade lhes é inerente. Tais proposições evidenciam o quão complexo é o mundo da arte e as problemáticas artísticas contemporâneas.

**Taiza Mara Rauen Moraes**  
Editora Responsável